

FUNCIONALISMO E LINGÜÍSTICA DO TEXTO: UM EXERCÍCIO DE ANÁLISE DIALOGADA DAS ANÁFORAS ASSOCIATIVAS

PACHECO, Lucivânia Marques.

Universidade Estadual Paulista – UNESP – São José do Rio Preto

lucivania@unipacaraguari.edu.br

Resumo: O presente trabalho tem por objetivo, a partir de um diálogo entre o Funcionalismo Lingüístico (Dik 1989, 1997) e a Lingüística do Texto, apresentar um estudo sobre o funcionamento da anáfora associativa em textos escritos de Língua Portuguesa do Brasil. Focalizando a relação dialógica entre a Gramática Funcional e a Lingüística do Texto, o estudo busca explicitar o caráter completar das duas abordagens no tratamento do fenômeno das anáforas associativas, por meio da análise, em um *corpus*, feita através do método *Varbrul*, de elementos de ordem sintático-semântica e pragmática. A análise dos dados demonstrou que as anáforas associativas possuem algumas regularidades reconhecidas pelas duas teorias, mas possuem, também, alguns comportamentos singulares como, por exemplo, sua representatividade por meio de um SN indefinido, e a predominância de uma relação de pertinência a qual denominamos de resumitivo-avaliativa, dentre outros. Observou-se, ainda, que os conceitos de anáfora associativa da Lingüística do Texto e o da função pragmática de subtópico de Dik (1989) se mostraram análogos na maioria dos casos analisados e, por fim, constatou-se que a nominalização, um tipo especial de associação que não se enquadra nos moldes dikianos de subtópico, apresenta características que tornam possíveis seu enquadre nos parâmetros dessa função pragmática.

PALAVRAS-CHAVE: Funcionalismo, Lingüística do Texto, Anáforas Associativas.

1. INTRODUÇÃO

Uma comparação, mesmo que superficial, entre o Funcionalismo e a Linguística do Texto evidencia um denominador comum a essas abordagens que, ultrapassando as fronteiras da frase, compõem seu aparato teórico com base no princípio de que a língua existe para servir de instrumento de interação social entre seus usuários.

Essa convergência teórica, em princípio, deve possibilitar um diálogo enriquecedor para as duas abordagens, visto que ambas têm como objeto de análise a língua em uso. É esta possibilidade de diálogo que se procurará evidenciar neste estudo.

A partir do diálogo entre o Funcionalismo Lingüístico (Dik 1989, 1997) e a Lingüística do Texto, cujos pressupostos teóricos englobam o estudo dos aspectos sintáticos, semânticos e pragmáticos da língua, em suas reais unidades de uso e a competência textual do falante/ouvinte, esta pesquisa pretende apresentar um estudo sobre o funcionamento de um tipo de anáfora indireta, a Anáfora Associativa, em textos escritos de Língua Portuguesa do Brasil. Embora esse tipo de referência necessite apoiar-se em uma âncora precedente, ele não constitui um fenômeno correferencial. Ao contrário, como afirma Koch (2002, p.109), o estabelecimento de uma Anáfora Associativa implica a introdução, “sob o modo do conhecido”, de um novo referente.

Dessa forma, o presente trabalho, adotando os pressupostos teóricos da Linguística Funcional e da Linguística do Texto para fazer um estudo das Anáforas Associativas, objetiva

evidenciar que duas teorias podem apresentar pontos harmônicos na análise de determinados fenômenos e, mais ainda, que um diálogo pode trazer benefícios para as duas vertentes, que poderão complementar seu quadro teórico e ampliar seus horizontes no tratamento dos fenômenos da linguagem. Para tanto, será feito um estudo do funcionamento da Anáfora Associativa por meio de sua analogia com a função Subtópico apresentada pela Gramática Funcional.

2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Como o objetivo desse estudo é o de mostrar a possibilidade de diálogo entre duas teorias no tratamento de um mesmo fenômeno, buscar-se-á analisar o comportamento das anáforas associativas por meio da descrição de alguns elementos de ordem sintático-semântica e pragmática que evidenciarão, sobretudo, que as duas teorias apresentam pontos harmônicos e que essa harmonia pode contribuir para o estudo científico da linguagem.

Para realização dessa pesquisa serão utilizados como *corpus* textos extraídos de algumas das principais revistas semanais que circulam pelo País.

As ocorrências de diversos tipos de Anáforas Associativas serão analisadas à luz de vários fatores que, na literatura sobre o assunto, têm se mostrado relevantes para explicar esse tipo particular de anáfora. São eles: a) seu estatuto informacional; b) a importância da função dos *scripts* e *frames* na ancoragem desse tipo de anáfora; c) a categoria do item lexical que ancora uma Anáfora Associativa, g) a categoria gramatical do item lexical âncora de uma Anáfora Associativa.

É importante ressaltar que não se pretende, aqui, uma descrição do comportamento das anáforas associativas apoiada em análises quantitativas. No recurso a ocorrências reais de uso, o que se busca é analisar as possibilidades de diálogo entre a Gramática Funcional e a Lingüística do Texto.

3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

3.1 O MODELO DE SIMON DIK (1989, 1997a)

De acordo com Dik (1989), uma Gramática Funcional (GF) deve descrever e explicar as línguas naturais conforme três princípios de adequação explanatória: adequações pragmática, psicológica e tipológica. Por se incluir em uma teoria pragmática de linguagem, uma GF deve revelar as propriedades das expressões lingüísticas em relação às regras de interação verbal, o que confere à adequação pragmática maior peso na teoria. Com relação à adequação psicológica, pode-se dizer, de acordo com Dik (1989), que ela se relaciona com os modelos psicológicos envolvidos na percepção, interpretação, processamento, armazenamento, recuperação e produção das expressões lingüísticas. Já a adequação tipológica de uma GF remete, conforme o autor, para o fato de que esse modelo gramatical deve dar conta não só de explicar as línguas tipologicamente diferentes, mas também de explanar as diferenças e semelhanças entre os diferentes sistemas lingüísticos.

É papel de uma GF revelar a instrumentalidade da língua em relação ao que as pessoas podem fazer e alcançar com ela na interação social. É por isso que a estrutura subjacente à expressão lingüística, nesse modelo gramatical, consiste em um sistema de relações pragmáticas, semânticas, e sintáticas, organizadas nessa ordem justamente para mostrar que o pragmático determina o semântico e ambos determinam o sintático. Isto é, o paradigma funcional opera com dois tipos de regras convencionalmente aceitas quais sejam (i) as regras semânticas, sintáticas, morfológicas e fonológicas cujo o papel é o de governar a construção das expressões lingüísticas; e, (ii) as regras pragmáticas que governam os padrões de interação verbal em que essas expressões lingüísticas são empregadas.

Como se pode perceber, na GF o sistema pragmático de interação é o que governa a construção das expressões linguísticas, o que permite concluir que esse paradigma objetiva mostrar como as intenções comunicativas dos falantes são refletidas na estrutura da língua. Isso justifica a ênfase dada ao padrão de adequação pragmática nesse modelo.

3.2 AS BASES DE UMA GRAMÁTICA DO TEXTO

Neves (2004), ao propor um diálogo entre Funcionalismo e a Linguística do Texto (LT), defende um ponto de vista que denota a visão expansionista que tem das teorias funcionalistas. De acordo com seus propósitos, as noções básicas da LT estão presentes na proposta da GF, uma vez que, ao ter em vista a competência textual do ouvinte, a LT só “pode admitir um aparato de análise que contemple o uso da língua produzindo sentidos para cumprir funções, [isto é, que faça] interpretação dos textos (intencionalmente motivados), que são, afinal, as reais unidades de uso” (NEVES, 2004, p.71).

Ao considerar o texto – objeto de estudo da LT – como unidade real de uso, Neves (2004) confirma que a LT é, na sua base, funcionalista e, se a tarefa da LT é entender e explicar “essa entidade multifacetada que é o texto¹ – fruto de um processo extremamente complexo de interação e construção social de conhecimento e de linguagem” (Koch, 2002, p. 157) – certamente essa tarefa pode ser compartilhada entre ela e a Linguística Funcional (representada pela proposta da GF da Holanda – Dik, 1989, 1997), já que o papel dessa gramática é o de interpretar os elementos que compõem as estruturas da língua com base em suas funções dentro de todo o sistema linguístico, interpretar o sistema com base em seus componentes funcionais e, acima de tudo, fazer a “interpretação dos textos que são as unidades de uso” (NEVES, 2004, p. 3).

4. CONVERGÊNCIAS ENTRE O FUNCIONALISMO E A LINGÜÍSTICA DO TEXTO

O conceito de texto, assim como toda a teoria da LT, passou por várias transformações, antes de alcançar a dimensão que tem hoje no seio da teoria do texto². Halliday e Hasan (1976, p. 1-2), consideram que o texto tem natureza diversa da sentença. Para esses autores, “um texto é uma unidade em uso. Não é uma unidade gramatical, tal como uma frase ou sentença; e não é definido por sua extensão” uma vez que o que distingue um texto de um não-texto é a textura uma relação semântica estabelecida pela coesão. Ou, ainda, de acordo com Marcuschi (1983, p. 10-11), “o texto não é uma unidade virtual e sim concreta e atual; não é uma simples seqüência coerente de sentenças e sim uma ocorrência comunicativa”.

As regras de uma língua, para Marcuschi, não se aplicam a frases isoladas, mas são estabelecidas no nível do texto. Sendo assim, o processamento textual requer estratégias (cognitivas, sociointeracionais e textuais) e conhecimentos linguísticos e não linguísticos de natureza funcional³. Por esse motivo, uma Teoria do texto deve conter elementos que, à

¹ Sempre concebido neste trabalho como sinônimo de discurso.

² O conceito de texto que se reduzia, inicialmente, a uma fundamentação gramatical (texto como frase complexa) é visto hoje como forma(s) de cognição social que permite(m) ao homem organizar cognitivamente o mundo.

³ Marcuschi (1980, p. 13-14) chama de categorias funcionais as categorias com as quais aborda o texto (fatores de contextualização, fatores de conexão seqüencial, fatores de conexão conceitual-cognitiva ou coerência e fatores de conexão de ações), já que elas são funções que o texto vai cumprindo como entidade atual concreta e situacional e não como sistema abstrato.

semelhança da GF levem em consideração, em ordem decrescente de valores, os fatores pragmáticos>semânticos>sintáticos.

Pode-se observar que, a começar pelo nível das propostas de elaboração de uma gramática, as teorias funcionais e da LT possuem fundamentos teóricos semelhantes uma vez que ambas enfatizam a supremacia de elementos extralinguísticos e sua prevalência na geração da estrutura textual/discursiva.

Com respeito à coerência, vista na LT como o fator básico de textualidade, concorrem, para seu estabelecimento, fatores de ordem pragmática e sociocognitiva e, nesse ponto, novamente as teorias da GF e LT se aproximam. Como aponta Marcuschi (1983), o que é ativado no momento da compreensão textual é a memória ativa. Os modelos globais que possuímos são reproduzidos exatamente na hora em que deles necessitamos para construir o sentido textual. Os elementos fundamentais que compõem os modelos globais são os *frames* e *scripts*⁴, definidos por Marcuschi (1983, p.49) respectivamente, como:

- a) modelos globais que abrangem o conhecimento diário sobre um conceito central (...) e proporcionam os elementos que em princípio fazem parte de um todo sem dizer em que ordem ou seqüência lógica e temporal, mas estabilizam-se em tipos.
- b) planos estabilizados que podem ser invocados ou utilizados constantemente para determinar papéis e ações dos indivíduos. Trata-se de uma seqüência apropriada de eventos num contexto particular.

Este constitui um forte ponto de entroncamento entre GF e LT. Sabe-se que o modelo proposto por Dik (1997, p.435) aponta os *frames* como responsáveis por:

- (i) avaliar a coerência de um dado discurso em termos de compatibilidade com as condições impostas pelos *frames* relevantes;
- (ii) criar a coerência no discurso pelo preenchimento das suposições de ligação do *frame* relativo às coisas que não estão explícitas no texto.

É inegável que nas duas teorias (GF e LT), o processamento textual exige, pelo menos em parte, a operacionalização de três grandes sistemas de conhecimento (cf Heinemann & Viehweger, 1991, apud Koch, 2002, p. 48), o *lingüístico*, que se refere ao conhecimentos gramatical e ao conhecimento lexical; o *enciclopédico* ou conhecimento de mundo que é o conhecimento armazenado na memória de longo termo e o *sociointeracional*, que diz respeito ao “conhecimento sobre as ações verbais, ou sobre as formas de interação por intermédio da linguagem”. É essa igualdade de princípios que viabiliza o diálogo entre o Funcionalismo e a LT e permite que um mesmo fenômeno seja verificado nas duas abordagens, como se pretende demonstrar por meio da análise de alguns exemplos de Anáforas Associativas.

4. O FENÔMENO DA REFERENCIAÇÃO NAS ABORDAGENS FUNCIONAL E TEXTUAL

Na GF, assim como na LT, o conceito de progressão referencial é fundamental para o estudo da referenciação. Associada à noção de fluxo de informação, a introdução de novos referentes, sua manutenção ou sua retomada é responsável pela progressão ou manutenção dos tópicos do discurso. Conforme Dik (1997), todo discurso trata de um determinado assunto

⁴ É importante ressaltar que a LT, diferentemente da GT, considera *frame*, e *scripts* como dois elementos constitutivos dos modelos globais. Na GT Dik considera *script* como uma forma de *frame* e divide, ainda, o conceito de *frame* em *frame* de conteúdo e *frame* de estrutura. Porém, essa diferença reside apenas na divisão, pois em termos de definição esses conceitos apresentam-se análogos nas duas teorias.

(tópico discursivo) que será mantido ou retomado por meio da referenciação. De forma resumida, a referência, no modelo dikiano, pode ser descrita em termos dos seguintes conceitos:

F refere **A** para **O** por meio de **T**. Referir é igual a ajudar a elaborar quando **F** não pressupõe que **A** esteja disponível para **O**. Referir é igual a ajudar a identificar se **F** pressupõe que **A** esteja disponível para **O**. **A** está disponível para **O** com base em (a) na informação antiga, (b) na informação contextual, (c) na informação perceptual (situacional), (d) na dedutibilidade em relação a (a)-(d).

A LT também considera que os referentes não são sistematicamente objetos de mundo, mas se caracterizam como objetos de discurso e o significado das palavras, os referentes pelos quais os sujeitos compreendem os objetos do discurso, e os próprios objetos do mundo não são categorias imutáveis, mas são, como afirmam Mondada e Dubois (1995), percebidos e modelados pelos indivíduos em sua prática social.

Nessa nova visão, o sentido textual não se constrói como uma “continuidade progressiva linear somando elementos novos com outros já postos em etapas anteriores, como se o texto fosse processado numa soma progressiva de partes” (KOCH, 2002, p. 84), mas constitui um movimento “projetivo” e “retrospectivo” representado “parcialmente pela anáfora e pela catáfora” (op. cit. p. 85).

Como se vê, a referência é um fenômeno central para o entendimento da progressão textual, nos termos da LT, ou da progressão temática, nos termos da GF. Por essa razão, acreditamos que uma descrição do processo de referenciação poderia ser beneficiada pelo recurso a essas duas abordagens, fato que buscaremos ilustrar por meio da análise da referência associativa.

4.1 A Anáfora Associativa

4.1.1 A abordagem textual

Na LT a *anáfora associativa* se caracteriza por conter expressões nominais definidas ou pronomes que são interpretados referencialmente sem possuir um antecedente explícito no texto, “mas sim um elemento de relação (por vezes uma estrutura complexa), que se pode denominar âncora” (SCWARZ, 2000 *apud* KOCH, 2002, p. 107). O elemento âncora tem papel decisivo na interpretação do item anafórico associativo, porém não mantém com ele relações co-referenciais uma vez que as anáforas associativas introduzem (e não retomam) novos referentes que até então não haviam sido nomeados explicitamente e que, a partir de então, darão continuidade à relação referencial global.

Para Kleiber (1994b) a relação associativa introduz um referente novo por meio de uma expressão definida com base principalmente em relações estabelecidas lexicalmente e entre o item âncora e o sintagma nominal associativo.

Charolles (1990) acredita que esse tipo de relação se estabeleça pelo discurso, uma vez que é na dinâmica discursiva que uma expressão definida, dependente de uma âncora prévia, demanda uma relação associativa que considera o item anafórico como parte de seu antecedente.

De acordo com Neves (2001), as posições de Kleiber e Charolles deram origem, na corrente da LT, a duas propostas de avaliação da anáfora associativa: i) uma mais estreita, que considera que o item anafórico associativo é interpretado por meio de referências a algum estado de coisas ou de mundo pré-inscrito no léxico (hipótese léxico-estereotípica, defendida por Kleiber, 1994), e ii) outra mais ampla, que considera que o fenômeno associativo

inscreve-se no discurso e sua interpretação depende da habilidade dos falantes em construir, mediante uma leitura *on line* do discurso, a referência do item anafórico associativo com base em associações mentais (hipótese cognitivo-discursiva, defendida por Charolles, 1994).

Koch (2000, p. 75) exemplifica essas duas concepções por meio dos seguintes exemplos:

(1) Chegamos a uma *cidadezinha*. **A igreja** ficava no alto de um monte

(2) Sofia dormia. **O jornal** estava caído aos pés da cama, **o cinzeiro** estava cheio até a borda

O exemplo (01) ilustra a posição assumida por Kleiber, segundo a qual o item associativo deve manter uma relação de natureza estereotípica, no dizer de Koch (2000), com o seu antecedente, ou seja, toda cidadezinha possui uma igrejazinha.

Na concepção de Charolles, essa relação se expande e agrega o componente discursivo-cognitivo para interpretar relações como as descritas em (02), em que o receptor terá que ativar modelos mentais, bem como discursivos, para interpretar a associação entre dormir-jornal-cinzeiro.

Outro ponto relevante com relação a anáfora associativa refere-se à relação que esse mecanismo pode manter com sua eventual âncora. De acordo com a maioria dos autores que trata desse tema, as anáforas associativas baseadas no léxico e as dependentes de esquemas globais apresentam uma leitura partitiva que se subdivide em: i) parte, em sentido restrito, com relações parte-todo ou relação meronímica, de acordo com a visão lógica de Miéville (1998), e ii) parte, em sentido mais lato, com relações do tipo "atributo de", "produto de", "requisito de" etc, (cf. KOCH, 2002, p.110). Os exemplos (03) e (04) citados pela autora, ilustram cada uma dessas relações:

(3) A polícia encontrou o *carro roubado*. **Os pneus** estavam furados.

(4) João foi *assassinado* no parque. **A faca** foi encontrada nas proximidades.

Incluídas nessas relações podem-se encontrar associações que se realizam por meio de hiponímia e hiperonímia, por exemplo.

Com relação ao ponto de vista da estrutura informacional, Schwarz (2000, *apud* Koch, 2002, p. 110) afirma que as anáforas associativas "constituem tematizações remáticas", que acarretam, no texto, continuidade e progressão do fluxo informacional".

Marcuschi (2000)⁵, ao fazer um estudo desse tipo de referência aponta, baseado em Schwarz (2000), os vários tipos de relações estabelecidas entre o item anafórico e sua âncora. Inicialmente, o autor prefere não reduzir as anáforas associativas aos casos de sintagmas nominais definidos, pois existem exemplos de anáforas associativas pronominais.

A interpretação das anáforas associativas, segundo o autor, exige estratégias cognitivas fundadas em conhecimentos semânticos armazenados no léxico, bem como estratégias cognitivas fundadas em conhecimentos conceituais (modelos mentais, conhecimento de mundo e enciclopédicos, sobretudo os que se ligam ao modelo de mundo textual presente no contexto, sem se esquecer dos processos inferenciais).

Os exemplos elencados por Marcuschi (2000, p. 6-9) mostram que as anáforas associativas constituem um tipo de referência que se processa da seguinte maneira:

- a. Por meio de papéis temáticos associados aos verbos:

⁵ Nesse artigo, Marcuschi usa a expressão Anáfora Indireta como sinônimo de Anáfora Associativa. Ele mesmo salienta que esses dois termos não podem ser dissociados.

(5) Eu queria *fechar a porta* quando Moretti saltou dos arbustos. Com o susto deixei cair **as chaves**.

De acordo com Marcuschi, o verbo *fechar* tem como um de seus papéis temáticos o papel instrumental e a palavra *chave* cumpre esse papel que ficou implícito com o uso do verbo na oração precedente.

b. Por meio de relações semânticas inseridas nos SNs definidos:

(6) Não compre *a xícara* amarela. **O cabo** está quebrado.

Essas relações são do tipo meronímicas (relações parte-todo) hipo ou hiperonímicas.

c. Por meio de esquemas cognitivos e modelos mentais:

(7) Nos últimos dias de agosto... a menina Rita Seidel acorda num minúsculo *quarto de hospital*... **A enfermeira** chega até a cama...

Esse tipo de anáfora ancora-se em modelos mentais (*frames* cenários ou *scripts*) que são armazenados em nossa memória de longo prazo como conhecimentos de mundo organizados.

d. Por meio de inferências ancoradas no modelo de mundo textual:

(8) O Náutico não fez uma exibição primorosa, mas jogou o suficiente para se impor diante da fraca Tuna Luso com um placar de 3x0, ontem à tarde, nos Aflitos. Foi *a primeira vitória alvirrubra* na Segunda Divisão do Brasileiro, depois de quatro jogos, e serviu para levantar o moral do time que subiu para cinco pontos no Grupo A. Lêniton, Mael, e Lopeu marcaram *os gols alvirrubros* (...).

Essas anáforas ancoram-se em informações textuais precedentes e exigem, para sua interpretação, que se tome conhecimento do contexto textual anterior, que se tenha conhecimentos pessoais acerca do tema que está sendo referido.

e. Por meio de elementos textuais ativados por nominalizações:

(9) O Náutico não fez uma exibição primorosa, mas *jogou* o suficiente para se impor diante da fraca Tuna Luso com um placar de 3x0, ontem à tarde, nos Aflitos. Foi a primeira vitória alvirrubra na Segunda Divisão do Brasileiro, depois de quatro **jogos**, e serviu para levantar o moral do time que subiu para cinco pontos no Grupo A.

A passagem de um verbo para um nome – nominalização – carrega forças ilocucionárias marcantes e a referência operada por meio desse processo não pode ser direta, pois o referente não é um item específico.

f. Por meio de pronomes introdutores de referentes:

(10) A: Maria pretende *casar* no final do ano.
B: E o que **ele** faz?

Como se pode perceber, entre uma anáfora indireta e seu contexto antecedente não há uma relação explícita, mas, como afirma Marcuschi (2000, p. 24), “os textos desenvolvem cadeias referenciais que seqüenciam estados de coisas, entidades etc”. Essas cadeias podem, no entanto, conter lacunas, o que exigirá ativação de conhecimentos comuns, partilhados ou situativos para o seu preenchimento e, sob esse aspecto, as anáforas associativas podem suprir lacunas lexicais.

4.1.2. A abordagem funcional

O tratamento que a GF dispensa à referência sem antecedente explícito em muito se aproxima do tratamento a ela dispensado pela LT. Segundo Dik (1997) os anafóricos podem se referir tanto a entidades de primeira ordem quanto a outras entidades distinguidas na estrutura de camadas da oração, ou seja, pode-se fazer referência anafórica, por exemplo, a propriedades e relações, entidades espaciais, estados de coisas, fatos possíveis e atos de fala.

Com relação à referência associativa, em GF ela é tratada nos moldes do que Dik (1989; 1997) chama de funções pragmáticas, mais especificamente, função pragmática de subtópico.

De acordo com Dik (1989, 1997), a informação pragmática representa o conhecimento de mundo dos falantes, crenças, sentimentos e as pressuposições que um falante tem de outro no momento da comunicação e pode ser dividida em informação geral, situacional e contextual. Dessa forma, o falante organiza sua expressão lingüística de acordo com a informação pragmática do ouvinte em uma dada situação de comunicação. Assim uma expressão lingüística, geralmente, contém alguma informação que é *dada* e alguma informação que é *nova* e ambas podem ser interpretadas como mediadoras entre as expectativas do falante e do ouvinte.

Parcialmente correspondente às noções de dado/novo são as dimensões pragmáticas de tópico e foco. Dik (1989) define a função de tópico como um conceito discursivo, uma vez que todo o discurso, desde que constitua um texto coerente, fala necessariamente sobre entidades. As entidades sobre as quais o discurso fala são denominadas pelo autor de *Tópicos de Discurso* (TopD).

Desse modo, se o discurso fala de um determinado tópico, esse tópico será introduzido pela primeira vez (Tópico Novo):

(11) I'm going to tell you a story about **an elephant called Jumbo**. (Dik, 1997a, p.315).
Vou contar para você uma história sobre **um elefante chamado Jumbo**.

Dik (1997a) considera ainda que, uma vez introduzido no discurso, um Tópico Novo pode ser retomado, subseqüentemente, como Tópico Dado. O Tópico Dado deve, no entanto, ser mantido vivo por meio de referências que criam um tipo de cadeia tópica ligando as partes relevantes do discurso. A quebra dessa cadeia por meio da inclusão de outro Tópico Dado, ou pelo fato de a última referência ao Tópico Dado ter sido removida, não impede que o Tópico Dado seja restabelecido ou “revivido” sob a forma de Tópico Retomado. As línguas utilizam inúmeros recursos como a referência anafórica, o paralelismo sintático, a troca de referência e a evidenciação para manter a continuidade tópica.

Por fim, Dik (1997a) menciona que a partir de um tópico dado ativamos nosso conhecimento de mundo e extraímos dele um subtópico, conforme evidencia o seguinte exemplo:

(12) John gave **a party** last week, but **the music** was awful Dik (1997, p.323).
John deu **uma festa** [tópico dado] na semana passada, mas **a música** [sub tópico] estava terrível.

Com base em nosso conhecimento de mundo, sabemos que onde há festa há música ou sempre se fala de música; por isso, a partir do Tópico Dado “uma festa” extraímos a informação “a música” como um Subtópico do tópico introduzido. Essa mesma relação pode ser estabelecida nos exemplos de anáfora associativa citados anteriormente o que deixa clara a semelhança entre os dois conceitos.

É importante mencionar que, em todos esses casos, os esquemas globais, *frames* ou *scripts*, garantem as inferências que permitirão o estabelecimento da relação associativa.

Nesse ponto LT e GF são unânimes em concordar que a interpretação de uma referência associativa não é possível sem a construção de modelos cognitivos.

Com relação à função pragmática Foco, Dik (1989) afirma que ela pertence à dimensão de focalidade do discurso. A informação focal é aquela mais importante ou saliente em uma determinada situação comunicativa, por isso, o falante considera essencial a incorporação dessa informação à informação pragmática do ouvinte para que aí provoque mudanças (adição ou substituição de informações pragmáticas do ouvinte).

As funções pragmáticas assumem papel relevante no estabelecimento da coerência de um texto. A introdução, manutenção e retomada de um tópico são, como afirma Dik (1997), estratégias que contribuem para o grau de coerência discursiva.

As funções de tópico e foco, como já foi mencionado, correspondem parcialmente às noções de *dado/novo*. Já o subtópico, de acordo com Dik (1989) é um constituinte que tem o status informacional inferível (de acordo com a teoria de Prince)⁶.

Ao analisar a abordagem da anáfora associativa nos parâmetros da GF, observa-se que, de maneira semelhante à LT, a teoria funcionalista entende que a referência, por meio de um subtópico, faz parte da intenção do falante em provocar mudanças na informação pragmática do ouvinte. A partir dessa intenção é capaz de determinar em que momento do discurso serão introduzidas novas informações ou retomadas outras a partir de pistas lexicais ou cognitivas.

Para Hannay (1985b, *apud* Velasco, 2003, p. 198), o fato de o subtópico derivar-se inferencialmente de outras entidades introduzidas no discurso deveria promover essa categoria ao rol das Funções Pragmáticas, uma vez que existe uma relação evidente entre os conceitos de subtópico ou tópico dado (o primeiro constitui um membro do conjunto definido pelo segundo). O autor considera a existência desta relação como fundamento prioritário para a criação de subtópicos e apresenta alguns exemplos que considera como subtópicos mais comuns, bem como o tipo de regra de formação de cada um deles, conforme a relação semântica que se estabelece entre o SN anafórico associativo e o item que lhe dá suporte. Os exemplos (13) a (21), retirados de Hannay (1985b, *apud* Velasco, 2003, p.199), ilustram essas diferentes relações semânticas:

(13) Es una casa bonita, pero *la cosina* es demasiado pequeña.

⁶ Como assevera Prince (1981), as entidades do discurso podem ser classificadas como *novas, evocadas e inferíveis*. Por nova, a autora entende ser a informação introduzida pela primeira vez no discurso, essa informação se dividirá em totalmente nova e não usada. As informações totalmente novas constituem, para Prince, aquelas que o falante precisa criar a partir do texto e se subdividem em ancoradas e não ancoradas caso estejam ou não relacionadas, por meio de outro SN presente nelas, a outra entidade; já as informações não usadas são aquelas que se supõe familiar ao ouvinte. Uma segunda categoria proposta por Prince divide as entidades em evocadas textualmente e situacionalmente. Elas se referem, respectivamente, às entidades que já foram mencionadas no texto e àquelas que representam os participantes do discurso ou traços salientes do contexto extralinguístico. Na terceira categoria proposta por Prince (1981) estão as entidades inferíveis, isto é, as entidades que o falante supõe que o ouvinte pode inferir a partir de uma entidade discursiva previamente introduzida, por sua vez, também se dividem em inferíveis não-incluidoras e inferíveis incluídas. As não-incluídas são as entidades dedutíveis a partir de outras entidades já evocadas ou inferíveis via raciocínio lógico.

É uma casa bonita, mas *a cozinha* é demasiadamente pequena. (relação semântica: parte de)

(14) El equipo jugo bien, creo, pero *uno de ellos* aún no están en forma.
A equipe jogou bem, creio, porém *um deles* não está em forma. (relação semântica: membro de)

(15) Esperaba coger uno autobús para llegar a tiempo, pero cuando llegué a la estación uno se acaba de ir.
Esperava pegar um ônibus para chegar a tempo, porém quando cheguei a estação um acabava de sair. (relação semântica: subconjunto de)

(16) A: Vengo sufriendo insomnio últimamente.
B: Es curioso, *insomnio*, también me viene afectando.
A: Venho sofrendo de insônia ultimamente.
B: É curioso, *a insônia* também tem me afetado. (relação semântica: exemplo de)

(17) A .Mira! Acabo de gastarme todo mi dinero en este pôster de Bardot
B. Oh cielos. *El mismo* está en el mercado a 50 peniques.
A . Veja! Acabo de gastar todo meu dinheiro neste poster de Bardot.
B. Oh céus. *O mesmo* está no mercado a 50 peniques. (relação semântica: cópia de)

(18) Esperaba una fiesta entretenida, pero *el ambiente* estaba muy tenso.
Esperava uma festa alegre, mas *o ambiente* estava muito tenso. (relação semântica: aspecto de)

(19) Ser demasiado cuidadoso tiene desventajas, mas *a dejadez* puede ser fatal.
Ser demasiado cuidadoso tem desvantagem, mas *o desleixo* pode ser fatal. (relação semântica: contrário a)

(20) Compré a Harry un disco para su cumpleaños, pero (*ellos*) son tan caros que casi me lo pienso otra vez.
Comprei um disco para dar de presente a Harry pelo seu aniversário, mas *eles* são tão caros que quase pensei outra vez. (relação semântica: projeção de)

(21) Juan y Pepe vinieron a verme ayer. *Pedro* se acaba de comprar un coche nuevo.
Juan e Pepe vieram me visitar ontem. *Pedro* acaba de comprar um carro novo.
(relação semântica: associado com)

A classificação de Hannay apresentada aqui servirá, juntamente com a classificação de Dik, para posterior consulta na análise dos dados uma vez que ela traz diferentes modelos de subtópicos, bem como a relação de pertinência de cada um com o tópico do qual se originou.

5. A ANÁFORA ASSOCIATIVA SOB OS PRISMAS DA LINGUÍSTICA DO TEXTO E DO FUNCIONALISMO

Para demonstrar especificamente a relação dialógica entre a Gramática Funcional e a Linguística Textual não se fará, neste estudo, uma descrição exaustiva das anáforas

associativas; a idéia é a de explicitar o caráter complementar das abordagens textual e funcional na análise de elementos de ordem sintático-semântica e pragmática.

5.1 CONSTITUIÇÃO DO *CORPUS* E PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE

Para analisar o fenômeno da anáfora associativa a partir dos pressupostos teóricos da GF e da LT, foram utilizados textos escritos publicados nas revistas *Veja*, *Época* e *Superinteressante* dos anos de 2003, 2004 e 2005. Esses textos, todos de natureza dissertativa, foram separados em dois tipos segundo a extensão das matérias: reportagens e notas. Ainda que a questão da tipologia de texto não seja considerada no exercício de análise que aqui se vai empreender, não se desconhece sua importância para a análise dos diferentes tipos de referenciação.

A composição do *corpus* ficou assim definida:

- **Notas:** textos curtos apresentados nas seções "Holofote", "Guia" e "Radar", da Revista *Veja*, nas seções "A semana" e "Boa Vida", da Revista *Época*, e nas seções "Supernovas" e "Superintrigante", da Revista *Superinteressante*.
- **Reportagens:** Textos longos sobre diversos temas apresentados sempre sobre a rubrica de "Reportagem", nas revistas *Veja*, *Época* e *Superinteressante*.

A referência ao *corpus* será feita ao final de cada ocorrência analisada da seguinte maneira: (REVISTA, data, página - tipo de texto) em que o tipo de texto será identificado como NO (notas) ou RE (reportagens).

Para a descrição do comportamento das anáforas associativas, serão focalizados alguns fatores de ordem sintático-semântica e pragmática que demonstram o caráter complementar das análises textual e funcional. Sendo assim, foram selecionadas para análise algumas características que são comuns às duas abordagens teóricas e outras que são específicas da abordagem textual ou da abordagem funcional. Os fatores selecionados foram os seguintes:

a) *Definitude do SN anafórico*

Tendo em vista o seu estatuto informacional, poder-se-ia esperar que o SN anafórico associativo fosse sempre introduzido como definido, uma vez que ele deve estar presente na consciência periférica do falante. No entanto, observa-se que, não raro, o SN anafórico associativo é introduzido por artigo indefinido. A ocorrência abaixo ilustra essa possibilidade:

(22) Se alguém tinha dúvida de que o investimento em infra-estrutura é caso de urgência, ela caiu na noite de terça feira. **Uma das pontes da Rodovia Régis Bittencourt**, que liga Curitiba a São Paulo desabou na região de Capivari, em Campina Grande do Sul, no Paraná. (*Veja*, 05/01/05, p.44 – RE)

Pretende-se, portanto, verificar qual é a natureza do elemento determinador da definitude do SN, se textual ou pragmática.

b) *Categoria do item ou da construção âncora*

Com a análise da característica do item ou da construção âncora, pretende-se verificar qual é o tipo de ancoragem de um item anafórico associativo. No caso da âncora ser um item lexical, interessa verificar se o tipo de item âncora exerce alguma forma de determinação sobre o processo de referenciação desencadeador da anáfora associativa. As principais possibilidades de ancoragem lexical são exemplificadas abaixo:

(23) Encontrar **alguém** que fale em português no Japão ajuda muito. Se for *um Banco*, melhor ainda. (*Veja*, 15/12/04, p.40 – NO)

(24) Estudo recente da Agência Nacional de Vigilância Sanitária analisou **frutas** vendidas no Brasil e concluiu que, entre as que ultrapassaram níveis de agrotóxicos considerados razoáveis, *o morango é o vilão*. (*Veja* 15/12/04, p. 169 – NO).

(25) Dos 108 países que formam a Organização Mundial de Turismo, somente dois **proíbem** o jogo: Cuba e Brasil. O caso cubano dispensa explicações. A ilha de Fidel Castro é um mundo a parte. Por aqui, *a proibição* da jogatina se sustenta em três pilares... (*Superinteressante*, Nov.04, p.65 – RE)

c) *Categoria do item lexical anafórico associativo.*

Tanto a Lingüística do Texto, (Marcuschi (2000), como a Gramática Funcional (Hannay, 1985, apud Velasco, 2003), consideram a possibilidade de uma anáfora associativa ou um subtópico não ser necessariamente representado por um SN. Pretende-se, portanto, analisar a categoria do item lexical anafórico associativo e verificar a relação existente entre o tipo de item lexical e a relação semântica estabelecida com a âncora.

d) *Estrutura argumental do item âncora verbal*

A análise da estrutura argumental do item âncora tem como objetivo verificar se a estrutura argumental do item âncora determina a natureza do item anafórico associativo, que seria um argumento não expresso de um esquema de predicado presente na oração antecedente. É o que ocorre no exemplos citado por Marcuschi (2000):

(26) Eu queria **fechar a porta** quando Moretti saltou dos arbustos. Com o susto deixei cair *as chaves*.

Nos termos de Dik (1997a), *fechar* é um verbo de três argumentos: A1 Agente, A2 Meta e A3, não obrigatório, Instrumento. Aparentemente, é esse esquema de predicado que ancora o SN anafórico associativo *chaves*. Nesse sentido, a intenção é verificar, também, qual é a participação do item âncora valencial para a constituição do *frame* ou *script* responsável pela ocorrência de um SN anafórico associativo na oração subsequente.

e) *Relação semântica entre a âncora e o SN anafórico associativo*

Para analisar esse tipo de relação, foi tomado como parâmetro a classificação funcionalista de Hannay (1985b apud Velasco 2003), que estabelece que a regra de formação de subtópicos deve obedecer à seguinte ordem de pertinência: *ser parte de; membro de; subconjunto de; exemplo de; cópia de; aspecto de; contrário a; projeção de; associado com*. Como esses parâmetros aplicam-se à função semântica de subtópico, espera-se verificar se essa regra pode ser também usada para as anáforas associativas e identificar qual é o tipo de relação semântica característico das anáforas associativas.

f) *estrutura cognitiva da ancoragem*

Espera-se confirmar se o item âncora da Anáfora Associativa mobiliza um *frame* (ex. 27) ou *script* (ex. 28) e se esses *frames* ou *scripts*, ao criarem expectativas por meio de

esquemas prévios, auxiliam na compreensão do item anafórico associativo. A análise deste item demonstra um dos pontos comuns entre as teorias funcional e textual.

(27) A Nestlé entrou na guerra pelo patrocínio **do Carnaval** carioca. Financiará *a escola Grande Rio*, uma das preferidas dos atores globais. (*Veja*, 5/01/05, p.34 - NO)

(28) Para Freud, Dostoiévski, o jogador mais célebre da história, não jogava por dinheiro. Jogava porque era um viciado. A melhor descrição de sua compulsão está em seu livro: *O jogador*, de 1866, época em que não conseguia afastar-se dos cassinos. “Com que emoção, que aperto no coração, eu ouvia *os números do crupiê*. Com que avidez eu olhava *a mesa do jogo*, (...) Antes mesmo de alcançar o cassino, só mesmo de ouvir *o tintilar das moedas*, eu me sentia prestes a desfalecer” escreve Dostoiévski em um trecho do livro. (*Superinteressante*, Nov.04, p.65 – RE)

g) tipo de inferência

Essa análise tem como objetivo mostrar que tipo de inferência predomina na referência associativa. Assim como o subtópico, o item anafórico associativo pode emergir de uma âncora pré-estabelecida e manter com ela um tipo de relação de pertinência.

Procurar-se-á demonstrar essa relação por meio da taxonomia de Prince (1981) que, por se tratar de uma taxonomia textual, evidenciará a contribuição da Linguística do Texto para o diálogo que se pretende realizar.

Portanto, será verificado, nos dados, qual é o tipo de inferência (includora/não includora) que caracteriza a anáfora associativa. Além disso, pretende-se confirmar se existe alguma relação entre esse tipo de inferência e outros traços caracterizadores desse processo, como o tipo de relação semântica, por exemplo.

h) Função pragmática do SN anafórico associativo

Como já foi mencionado, Dik (1997a) considera que uma das estratégias de manutenção de um tópico dado em um discurso é a sua retomada por meio de referência a entidades que podem ser inferidas a partir do tópico dado, com base no conhecimento de mundo dos interlocutores. Essas entidades inferíveis são chamadas por Dik de subtópico. Em nota de rodapé, Dik diz que o termo subtópico, introduzido por Hannay, corresponde ao termo “inferível” utilizado por Prince (cf. Dik, 1997a, p.314). Nesse sentido, ao analisar a função pragmática do item anafórico, essa pesquisa objetiva verificar qual é o estatuto informacional da entidade anáfora associativa para, posteriormente, conferir se a correspondência entre uma categoria funcional (subtópico) e outra textual (inferência) é absoluta, conforme proposto por Dik.

i) Dimensão do texto

O objetivo, ao analisar este item, é verificar se a dimensão do texto pode interferir no tipo de anáfora associativa, uma vez que, nos textos curtos há necessidade de muita informação em pouco espaço.

5. 2. ANÁLISE DOS DADOS

Foram analisadas 66 ocorrências de anáfora associativa encontradas nos dois tipos de texto selecionados, assim divididas: 34 ocorrências em reportagens e 32 em notas. Os dados

revelaram um comportamento típico do elemento anafórico associativo, mas revelaram também comportamentos que, devido à sua singularidade, merecem ser comentados de maneira mais detalhada para justamente ilustrar o diálogo entre a LT e a GF. São eles: a) a definitude, b) a estrutura argumental do item âncora, c) a função pragmática do SN anafórico associativo, d) a estrutura cognitiva da ancoragem, e e) a nominalização.

No que diz respeito à categoria do item lexical anafórico associativo e do item âncora e à relação semântica entre a âncora e o SN anafórico associativo, a análise dos dados revelou um comportamento típico. Confirmou-se, por exemplo, que em 85% dos casos analisados o SN é a âncora preferida de uma anáfora associativa:

		ÂNCORA	ANAFÓRICO
CATEGORIA DO ITEM LEXICAL	NOME	56 85%	65 98,5%
	PRONOME	02 3%	01 1,5%
	VERBO	06 12%	-
TOTAL		64 ⁷	66

Tabela 1: *Categoria gramatical do item lexical âncora e anafórico*

Como se comprovou pela análise das relações semânticas, sempre existe uma relação de pertinência entre o item anafórico e sua âncora, o valor semântico desse SN âncora é essencial para desencadear a anáfora associativa, conforme se verá no desenrolar desta análise.

Com relação à categoria lexical do item anafórico associativo, prevaleceu também a de *nome* em 98,5% dos casos.

Como já foi dito, para analisar a relação semântica entre um item âncora e o SN anafórico, partiu-se das relações de pertinência estabelecida por Hannay (1985 *apud* Velasco 2003) e os dados revelaram que em 85% dos casos analisados predominou algum tipo de relação de inclusão, sendo a meronímica (relação parte-todo) a que mais se destacou (80,5%). Houve, ainda, dois casos de hiperonímia e um de hiponímia:

RELAÇÃO SEMÂNTICA	OCORRÊNCIAS
MERONÍMIA	53 – 80,5%
HIPONÍMIA	1 – 1,5%
HIPERONÍMIA	2 – 3,0%
OUTRA	10 – 15%
TOTAL	66

Tabela 2: *Relação semântica entre item âncora e SN anafórico associativo*

Houve ainda, a presença de um outro tipo de relação que não se enquadra nos tipos propostos por Hannay ou Marcuschi. Esse tipo de relação (exemplo 32) a que denominamos *resumitivo-avaliativa* apresenta, sob a forma de um SN definido, um resumo da situação discursiva precedente.

⁷ A diferença entre os totais deve-se à ocorrência de dois casos de anáfora associativa sem âncora lexical.

(29) Num telefonema direto para Lula, na noite de quinta-feira, José Sarney bateu forte em Aloizio Mercadante. Reclamou do que qualificou de conversas do senador petista para desarticular sua reeleição para a presidência do Senado. Sarney ameaçou retaliar. Para apagar **o incêndio**, José Dirceu e Aldo Rabelo entraram em cena vestidos de bombeiros. (*Veja*, 21/04/04, p. 35 – NO)

E, por fim, em 8% dos casos, houve também um tipo de relação que se estabeleceu via etimologia, isto é o item anafórico associativo originou-se etimologicamente de sua âncora. É o caso das nominalizações, comentadas separadamente mais adiante:

Com respeito à dimensão do texto, não se verificou nenhuma relação entre esta característica e o tipo de anáfora associativa utilizado. Acreditamos, entretanto, que uma investigação quantitativa, que comparasse porções iguais desses dois tipos de texto, poderia apontar diferenças relacionadas à frequência de aparecimento das anáforas associativas. Entretanto, no tipo de investigação aqui realizada, essa verificação não foi possível.

A definitude

Um dos pontos que merecem ser comentados de forma mais detalhada é o que diz respeito à definitude. Autores como Kleiber (1990), que possui uma visão mais estreita do fenômeno associativo, afirmam que o SN anafórico associativo deve ser necessariamente um sintagma com artigo definido. Da mesma forma, o subtópico também é caracterizado por Dik (1989, 1997) como um SN definido. Nos dados analisados, das 66 anáforas associativas descritas, 60 (91%) foram construídas com SN definido. Porém, alguns exemplos encontrados no *corpus* com SN indefinido parecem não oferecer dificuldades para serem interpretados como anáforas associativas ou subtópicos:

(30) É errado acreditar que remédios não tenham efeitos colaterais ou que os laboratórios conheçam todos esse efeitos quando **uma nova droga** é lançada”. (*Veja*, 19/01/05, p. 47 – NO)

(31) Se alguém tinha dúvida de que o investimento em infra-estrutura é caso de urgência, ela caiu na noite de terça feira. **Uma das pontes da Rodovia Régis Bittencourt**, que liga Curitiba a São Paulo desabou na região de Capivari, em Campina Grande do Sul, no Paraná. (*Veja*, 05/10/05, p.44 – RE)

Inicialmente, se se pensar que a relação principal que determina uma anáfora associativa e um subtópico é a de parte-todo e seu estatuto informacional é o inferível, pode-se considerar que *remédio* é o todo que abarca vários tipos de drogas medicinais, assim como *infra-estrutura* abarca desde saneamento básico até construção de pontes e rodovias. A relação semântica entre item âncora e item anafórico pode, portanto, ser considerada idêntica à que se estabelece em uma anáfora associativa ou em um subtópico típicos.

Tudo indica que esses exemplos podem configurar como modelos de anáfora associativa e subtópicos corroborando a opinião de Charolles (2001) segundo a qual a definitude não é condição *si ne qua non* para uma referência associativa.

A estrutura argumental do item âncora verbal

Na totalidade dos casos em que o item âncora era verbal (8 ocorrências), a estrutura argumental do verbo determinou a natureza do item anafórico associativo. Em exemplos como:

(32) *Comprar* uma *raquete de tênis* não é uma tarefa tão simples quanto parece. **O atleta** deve estar atento às características de cada modelo para alcançar seus objetivos dentro da quadra. (*Época*, 17/01/05, p. 14 – NO)

o verbo *comprar* possui um esquema de predicado de dois argumentos, um A1 agente, e um A2 Meta. Estando o A1 não explicitado, a estrutura argumental do verbo funciona como âncora para a ocorrência do item anafórico *o atleta*, o agente do verbo comprar. O verbo *comprar* é importante não só por ancorar, mas, sobretudo, por constituir o *frame* responsável pela interpretação da referência associativa, uma vez que esse verbo ativa modelos mentais que determinam os componentes de todo o processo designado pelo verbo. Neste processo, como afirma Dik (1997), certas coisas podem ser feitas e outras não. Como o falante possui um repertório de *frames* armazenado em seu conhecimento prévio, ele é capaz de julgar o que é compatível diante da situação desencadeada pelo *frame comprar* e é capaz de criar expectativas sobre o que virá na seqüência (quem compra, compra algo).

A função pragmática do SN anafórico associativo

Na totalidade das ocorrências analisadas, os dados confirmam que o SN associativo é preferencialmente inferível, nos termos de Prince (1981). Esse resultado pode ser atribuído ao fato de que, como já foi demonstrado, esse tipo de referência mantém sempre com sua âncora uma relação semântica de pertinência, conforme o estabelecido por Hannay (1985).

O tipo de inferência descrito por Prince (1981) como incluidora ocorreu em 84% dos itens associativos analisados.

A inferência incluidora, como já foi mencionado, é um tipo de inferência cujas entidades são dedutíveis a partir de outras entidades já evocadas ou inferíveis, via raciocínio lógico. Isso pode justificar a relação do subtipo inferível incluidor de Prince (1981) com o conceito semântico de meronímia, uma vez que, no cruzamento dos dados, essas duas características foram identificadas com freqüência muito próxima, correspondendo, respectivamente, a 84% e 85% do total de ocorrências. Isto quer dizer que, preferencialmente o SN anafórico associativo inferível mantém com sua âncora uma relação parte-todo:

(33) A Nestlé entrou na guerra pelo patrocínio *do Carnaval carioca*. Financiará **a escola Grande Rio**, uma das preferidas dos atores globais. (*Veja*, 5/01/05, p.34 – NO).

A estrutura cognitiva da ancoragem

A afirmação de Neves (2004) é mais uma evidência que se soma à freqüência de ancoragem em *frames* (98,5% - 65 casos), e *script* (1,5% - 1 caso), para confirmar que a relação associativa se estabelece por intermédio dos modelos cognitivos globais. No exemplo abaixo,

(34) Num telefonema direto para Lula , na noite de quinta-feira, José Sarney bateu forte em Aloizio Mercadante. Reclamou do que qualificou de conversas do senador petista para desarticular sua reeleição para a presidência do Senado. Sarney ameaçou retaliar. Para apagar **o incêndio**, José Dirceu e Aldo Rabelo entraram em cena vestidos de bombeiros. (*Veja*, 21/04/04, p. 35 – NO)

a ocorrência *o incêndio* não proporciona acesso direto ao referente que serve de ponte para a associação. De acordo com Dik (1997) esse tipo de menção é feita com base na suposição que

o falante faz do que pode ou não estar na mente do ouvinte no momento da fala. Essa suposição pode basear-se tanto em fatos lingüísticos como extralingüísticos. No caso do exemplo (34), a interpretação da anáfora associativa assenta-se no conhecimento compartilhado entre os interlocutores. Assim, o que possibilita a interpretação de *o incêndio* é o conhecimento que têm os interlocutores dos estereótipos que regem determinados comportamentos como os dos políticos, por exemplo. O interlocutor, ao fazer uma leitura prévia na qual se aponta que um membro da chamada direita discutiu com um de esquerda, já prevê que “a coisa vai pegar fogo”, daí não estranhar a presença do SN *incêndio*.

Isso comprova que devido “à sua natureza baseada em associação mental, a anáfora associativa tem um uso bastante aberto, o que pode permitir, por inferência, relações associativas de maior distância” (NEVES, 2000, p.1008), como no caso do exemplo (34).

Outro exemplo que demonstra como a anáfora associativa se ancora em modelos cognitivos – *frames* e *scripts* – é o encontrado neste discurso:

(35) Para Freud, Dostoiévski, o jogador mais célebre da história, não jogava por dinheiro. Jogava porque era um viciado. A melhor descrição de sua compulsão está em seu livro: *O jogador*, de 1866, época em que não conseguiu afastar-se dos cassinos. “Com que emoção, que aperto no coração, *eu ouvia os números do crupiê*. Com que avidez *eu olhava a mesa do jogo*, (...) Antes mesmo de alcançar o cassino, *só mesmo de ouvir o tintilar das moedas*, eu me sentia prestes a desfalecer” escreve Dostoiévski em um trecho do livro. (*Superinteressante*, Nov.04, p.65 – RE)

Esse exemplo foi escolhido para comentário por tratar-se do único a apresentar um *frame* “que diz respeito a uma estrutura institucional que consiste em uma seqüência padrão de eventos” (Dik (1997, p. 434), ou, mais especificamente, por tratar-se de um exemplo de *script*. É importante ressaltar que Dik (1997) conceitua *script* como uma forma de *frame*. Nos parâmetros da LT, *scripts*, juntamente com *frames* e cenários, fazem parte dos chamados modelos globais (BEAUGRANDE & DRESSLER, 1981). Porém, o fato de uma teoria considerar *script* como uma forma de *frame* e a outra considerar *frame* e *script* como partes de modelos globais não interfere no significado que ambas atribuem a estes dois processos mentais. As duas teorias atribuem ao *frame* o conhecimento de senso comum sobre um conceito e ao *script* a organização seqüenciada de eventos cuja rotina é pré-estabelecida ou mesmo estereotipada.

Como se viu, na análise dos dados, consideramos *frames* e *scripts* como modelos globais diferentes.

Com relação ao exemplo (35), como menciona Dik (1997), a maioria das pessoas conhece o cenário institucional em que se encontra e sabe o que pode ou não fazer ou dizer nestes cenários. Com base nesse conhecimento são capazes de descrever eventos em uma seqüência padrão, isto é, na ordem em que ocorrem em um determinado contexto institucional. Isso pode ser confirmado no exemplo (35). O falante, ao descrever seu vício pelo jogo o faz seguindo um *script* que apresenta a ordem das ações de forma coerente com o cenário institucional em que elas ocorrem.

Para Koch (1989), esse tipo de representação é possível porque o usuário da língua possui um conceito central, a partir do qual estabelece quais coisas aparecerão e em que ordem ou seqüência (lógica ou temporal) elas aparecerão, dentro de um cenário institucional.

A nominalização

Na análise do *corpus* buscou-se identificar anáforas associativas com o que Dik (1989, 1997), denomina de Subtópico. De fato, os dados mostraram que, na maioria dos exemplos,

essa correspondência realmente se estabelece. No entanto, um tipo de Anáfora Associativa denominado pela LT como nominalização não figura como subtópico nos moldes da GF. Esse tipo de referência, de acordo com Apothélos e Chanet (1997, p. 160), consiste na retomada, por meio de um SN, de um estado anteriormente expresso por uma oração. São vários os exemplos que esses autores consideram como itens nominalizados. Esta pesquisa trata de apenas um tipo de nominalização por ter sido o que mais figurou nos dados analisados. É a referência a um processo ou estado anterior por meio de um SN de base verbal. A distinção básica desse tipo de anáfora associativa dos demais casos reside no fato de não ancorar-se em um nome, não fazer parte da categoria subtópico de Dik (1989), não ser do tipo inferível incluidora. Pode-se dizer que o item âncora dessa anáfora é o responsável por todas essas distinções:

(36) Dos 108 países que formam a Organização Mundial de Turismo, somente dois proíbem o jogo: Cuba e Brasil. O caso cubano dispensa explicações. A ilha de Fidel Castro é um mundo a parte. Por aqui, **a proibição** da jogatina se sustenta em três pilares... (*Superinteressante*, nov. 2004, p. 65 – RE)

Tratando primeiramente da distinção desse tipo de referência do fenômeno descrito por Dik (1997) como subtópico, pode-se afirmar que o que levou ao apontamento dessa distinção foi a análise dos exemplos de subtópicos presentes em Dik (1989, 1997), bem como a análise da lista de subtópicos apresentadas por Hannay em Velasco (2003). Por nominalizar um processo ou estado-de-coisas (Dik 1989, 1997), esse tipo de referência não se enquadra nas relações de pertinência que obrigatoriamente deve ter o subtópico em relação ao tópico. Dik (1989, p. 226) faz um comentário a respeito desse tipo de referência por meio do seguinte exemplo:

(37) Quando o prisioneiro falhou na resposta, o oficial **surrou-o** repetidamente. Um observador americano que viu **a surra** relatou que o oficial “realmente extrapolou sua função”. Após **a surra**, o prisioneiro foi forçado a permanecer de pé contra a parede por diversas horas.

De acordo com o autor, as duas ocorrências de *surra* fazem parte de uma cadeia anafórica que usualmente se inicia com um antecedente indefinido, mediante o qual se introduz a entidade em questão. Esse antecedente, todavia, não está explícito no exemplo 37, mas está claro, como afirma Chastain (1975 *apud* Dik 1997, p.226), que a *surra* em questão é a que foi primeiramente mencionada na primeira sentença. Pode-se então pensar, de acordo com Chastain, que a primeira ligação da cadeia é uma descrição indefinida, “talvez uma *surra* que o jovem prisioneiro levou do oficial ARVN – que aparece após uma análise mais profunda da primeira sentença” (Chastain, *id. ibid.* 1997, p. 226).

Dik representa tal descrição em termos de estruturas subjacentes:

Pass e_i [surrar (o oficial) (o)]
Um observador americano viu ($A e_i$) relatou...
Após ($A e_i$) o prisioneiro foi forçado

Segundo Dik, a predicação *o oficial surrou-o* não se refere ao Estado de Coisas e_i , mas estabelece o Estado de Coisas como referente potencial a que se pode fazer, mais tarde, referência anafórica. Tal referência anafórica é feita duas vezes pelos termos anafóricos definidos *a surra*. Dessa forma, esses termos anafóricos referem-se a uma entidade (o EsCo e_i) que já foi estabelecida pelo antecedente, qual seja, a predicação *o oficial surrou*.

Mesmo não tendo sido apontado por Dik (1989, 1997) como um exemplo de subtópico, pode-se justificar a presença desse tipo de referência na classe das funções pragmáticas por meio das palavras do próprio Dik (1989, 1997).

Além disso, um estudo apresentado por Santana (2005, p. 107) acerca do funcionamento da nominalização aponta que esse tipo de anáfora (de base verbal) pode apresentar o *status* inferível, uma vez que, é pouco provável que o referente da nominalização “seja totalmente desconhecido pelo ouvinte – ou está em sua memória, podendo ser presumido, ou pode ser inferido ou evocado”.

Essa é mais uma razão para se qualificar esse tipo de anáfora como mais um tipo de subtópico, já que o item nominalizado pode derivar-se inferencialmente (condição básica segundo Hannay (1985b *apud* Velasco, 2003) para que ocorra subtópico) de outras entidades introduzidas no discurso ou, no caso exemplificado por Dik (1997), de um EsCo ou um processo estabelecido potencialmente.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho procurou-se demonstrar a possibilidade de diálogo entre o Funcionalismo e a Lingüística do Texto por meio da análise, em textos escritos de Língua Portuguesa do Brasil, do fenômeno da anáfora associativa.

A análise mostrou-se relevante para o ponto de vista teórico das duas disciplinas. Para a Lingüística do Texto, a análise funcionalista pode contribuir para a construção de um aparato de análise que não só contemple o objeto em suas relações cognitivas, pragmáticas, semânticas e sintáticas, mas que o faça por meio de uma estrutura hierarquizada em que a unidade mais alta é o discurso. Para a teoria Funcionalista, a análise textual agrega valores teóricos relevantes como, por exemplo, na questão das nominalizações, que podem vir a se tornar modelos de subtópicos e se inserirem no quadro das funções pragmáticas.

Espera-se, dessa forma, ter demonstrado, por meio da análise da referência anafórica associativa, que o diálogo entre o Funcionalismo e a Lingüística do Texto é possível e produtivo e, principalmente, que esse diálogo é de extrema importância para a investigação científica da língua em uso.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

APOTHÉLOZ, D. et CHANET, C. Défini et démonstratif dans le nominalizations. In: MULDER, W de. Et al. , éd. *Relations anaphoriques et (in)coherence*. Amsterdam: Rodopi, 1997, p. 159-186.

BEAUGRANDE, R. e DRESSLER, W. U. *Introduction to text linguistics*. London/New York: Longman, 1981.

CHAROLLES, M. L'anaphore associative. Problèmes de delimitation. *Verbum*, XIII , 1990, 3, p. 119-148.

CHAROLLES, M. Anaphore associative, stéréotype et discours. In SCHNEDECKER, C., CHAROLLES M., KLEIBER G. et DAVID, J., *L'anaphore associative*. Paris: Klincksieck, 1994, pp 67-92.

CHAROLLES, M. Les indéfinis peuvent-ils être associatifs? In. KLEIBER, G. et SCHNEDECKER, C., (eds.) *Référence, inference: l'anaphore associative*. Cahiers de Praxématique, 2001, 43-69.

- DIK, S.C. *The Theory of Functional Grammar. I*. Dordrecht:Foris Publication, 1989.
- _____. *The Theory of Functional Grammar II*. New York:Mouton, 1997.
- HALLIDAY, M. e HASAN, R. *Cohesion in English*. London:longman, 1976.
- KLEIBER, G. Sur l'anaphore associative: article défini et adjectif démonstratif. *Revista di Lingüística* 2, 1990, v.1, p. 155-174.
- KLEIBER, G. Discours et stéréotypie: le contexte peut-il remettre d'aplomb une anaphore associative mal formée? In: SCHNEDECKER, C. et al., éd. *L'anaphore associative: aspects linguistiques, psycholinguistiques et automatiques*. Paris: Klincksieck, 1994b.
- KOCH, I.G.V. *Coessão textual*. São Paulo: Contexto, 1989.
- _____. *Desvendando os segredos do texto*. São Paulo: Cortez, 2002.
- _____. Concordância associativa. *Scripta*. Belo Horizonte, v.4, p. 72-80, 2000.
- MIÉVILLE, D. Associative anaphora: an Attemp at Formalisation. *Journal of Pragmatics*, 31, 1990, p. 327-337.
- MARCUSCHI, L. A. *Lingüística de texto: o que é e como se faz*. Recife UFPE, Série Debates 1, 1983.
- _____. *O barco textual e suas âncoras*. 2000, Mimeografado.
- MONDADA, L. & DUBOIS, D. Construction des objets du discours et catégorization: une approche des processus de référenciation. *TRANEL* (Travaux neuchâtelois de linguistique), v. 23, 1995 p.273-302.
- NEVES, M.H.M. Funcionalismo e lingüística do texto. *Revista do Gel*, v. 1, p. 71-89, 2004.
- _____. A referenciação e a constituição do texto: reflexões no uso da língua portuguesa. *Revue belge de philologie et d'histoire*. Bélgica, 2001, p. 273-302.
- PRINCE, E. Toward a Taxonomy of Given/New Information?. In Cole, P. (ed.) *Radical Pragmatics*. New York: Academic Press, 1981.
- SANTANNA, L. *A expressão da estrutura argumental dos nomes derivados*. Dissertação de Mestrado em Estudos Lingüísticos. São José do Rio Preto: UNESP, 2005. 166f.
- VELASCO, D. G. Funcionalismo y Lingüística:la Gramática Funcional de S.C. Dik. Oviedo: Universidad de Oviedo, 2003.